

îagûara

ÎAGÛARA 5'40"
Diogo da Fonseca

Diogo de Araujo Franco da Fonseca
ÎAGÛARA

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias no dia 29/06/2020 para obtenção do grau de mestre em Artes da Animação perante o júri nomeado pelo Despacho de Nomeação n.º: 146/2020, de 19 de maio de 2020, com a seguinte composição:

Presidente: Prof. Doutor Pedro Miguel Serrazina Picado Magalhães
Arguente: Prof. Doutor Magda Isabel Galamarra Cordas
Orientador: Prof. Doutor Paulo Renato da Silva Gil Viveiros

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação
Lisboa
2020

Relatório do projeto de conclusão do mestrado em Artes da Animação,
Universidade Lusófona de Lisboa.

Orientação: Paulo Viveiros
Co-orientação: José Miguel Ribeiro

Índice	
Ideia _03	
Story Line_03	
Sinopse_03	
Nota de intenção_03	
Pesquisa_04	
Concepção dos personagens e ambientes_07	
Produção do Filme_08	
Estudos gráficos_10	
Conclusão_13	
Ficha técnica_13	
Bibliografia_14	

IDEIA

Uma ficção curta-metragem de animação, sobre importância do povo indígena no Brasil, a sua beleza, os seus mitos e a sua luta por sobrevivência.

STORY LINE

Um filme sobre dois jovens indígenas que se preparam para uma noite especial, mas são surpreendidos por uma grande ameaça que os cerca.

SINOPSE

No meio da floresta tropical dois jovens indígenas se preparam para uma importante cerimônia, mas não percebem que ao redor existe uma grande ameaça que coloca em risco a sua existência.

NOTA DE INTENÇÃO

Minha intenção ao realizar este filme de ficção é de utilizar a animação como uma ferramenta de resistência cultural. Num período sombrio para o Brasil onde a arte é considerada subversiva, quero mostrar através da riqueza cultural indígena brasileira a sua importância na formação da sociedade brasileira. À este povo que vêm sendo durante séculos perseguido e massacrado, gostaria de contribuir com este filme para a construção da memória social.

PESQUISA

Ao realizar este filme fui atrás das referências dos povos indígenas no Brasil antes da chegada dos europeus, e entre muitos dos povos que existiam escolhi os que habitavam a região do Rio de Janeiro, a minha cidade natal, e onde havia a maior concentração populacional indígena no Brasil até o SÉC. XVI.

Mas para conhecer os índios antes do Brasil tem que se recorrer às evidências fornecidas pela arqueologia e pela linguística, as descrições legadas pelos “colonizadores” e missionários dos séculos XVI e XVII e usar como referência as populações indígenas contemporâneas.

Mas mesmo assim não é fácil recuperar esse passado pré-cabralino, principalmente porque toda a sabedoria e conhecimento era transmitido oralmente.

Em termos arqueológicos não há muitos resquícios pois o solo tropical e as intempéries praticamente conservam apenas pedras trabalhadas e cerâmica. Também não pode esperar respostas seguras da linguística, pois até hoje não se consegue a descrição, comparação e classificação de todas as línguas indígenas. E sobre os manuscritos dos primeiros séculos da colonização, é preciso ler com cuidado, por haver lacunas e interpretação da realidade.

O povo indígena brasileiro

Eram centenas de nações independentes, falavam diferentes línguas, muitas delas não se comunicavam entre si. Com suas próprias histórias, organização social, habilidades tecnológicas e crenças religiosas. Com a sua própria cultura, costumes, o seu jeito de ser e o seu próprio nome.

Os primeiros invasores europeus tentaram nomear o nome de cada povo, mas foi uma grande confusão, “batizaram” o mesmo povo com vários nomes, como os Tupinambá ou Tamoio, ou o mesmo nome para diferentes povos como o Coroado, nomes que não se firmaram como Bacunin ou Canixé. Escreveram nomes com grafias diferentes, Goitacá, Guaitacá, Waitaka ou Aitacaz. Por isso para pesquisar sobre o passado indígena é preciso outras fontes.

A linguística é um critério comumente empregado para identificar e diferenciar os povos, apesar de muitas delas desaparecerem sem vestígios. Com base em estudos pode-se dizer que o território do Rio de Janeiro foi habitado por povos que falavam ao menos 20 idiomas diferentes, um deles não classificado e os outros pertencendo a quatro famílias linguísticas.

A Família Tupi, ou tupi-guarani, compreendia mais de uma centena de línguas faladas.

No Rio de Janeiro eram faladas pelos povos:

Tupinambá ou Tamoyo , Termiminó ou Maracajá, tupinikin ou Margaya, Ararape ou Arary, Maromomi ou Miramomim

A Família Puri, compreendia vinte e três línguas, doze faladas No Rio de Janeiro:

Puri, Telikong ou Paqui, Sabonam, Uambori e Xamixuna. Coroadó, maritong, Cobanipague, Tamprun e Sarsaricon. Coropó. Goitacá, Guaitacá, Waitaka ou Aitacaz. Guaru ou Guarulho. Pitá. Xumeto. Bacunin, Caxiné. Sacaru. Paraíba.

A família Botocudo, com 38 dialetos: Botocudo, Aimoré ou Batachoa.

A família Maxakali ou Mashakalí, 27 línguas faladas, e no Rio de Janeiro pelo povo Maxacari.

A língua não-classificada, Goianá, Guaianá ou Guaianã.



Em uma crônica de Pero de Magalhães Gândavo, afirmava que o idioma Tupinambá não possuía palavras que começasse com as letras F , L e R. “... cousa digna de espanto, porque assim não têm Fé, nem Lei nem Rei, e desta maneira vivem sem justiça e desordenadamente”.

Coube então aos missionários jesuítas no Séc. XVI o papel de criar uma gramática para que os portugueses e franceses com interesses meramente econômicos pudessem se comunicar com eles. Gramática essa que acabou sendo usada na catequese. Hoje apesar de extintas, muitas dessas línguas ainda são usadas pelos brasileiros e “Cariocas”, denominação indígena para quem nasce no Rio de Janeiro, a maioria nem desconfia disso. A língua portuguesa falada no Brasil incorporou muitas dessas palavras:

Carioca, morada dos índios Carijó ou casa de branco ou casa de água corrente.

Guanabara (baía semelhante a um rio). Os portugueses quando chegaram no Rio de Janeiro em 1º de janeiro de 1502 , entraram pela hoje batizada Baía de Guanabara, e acreditaram se tratar de um Rio, devido a semelhança com o Rio Tejo, como era janeiro, batizaram a cidade de Rio de Janeiro.

Exemplos de palavras:

Ananá, Maracanã, Capoeira, Copacabana, jacaré, Paçoca, Pipoca, Tucano, Urubu.

Muitas outras foram “aportuguesadas”, como por exemplo:

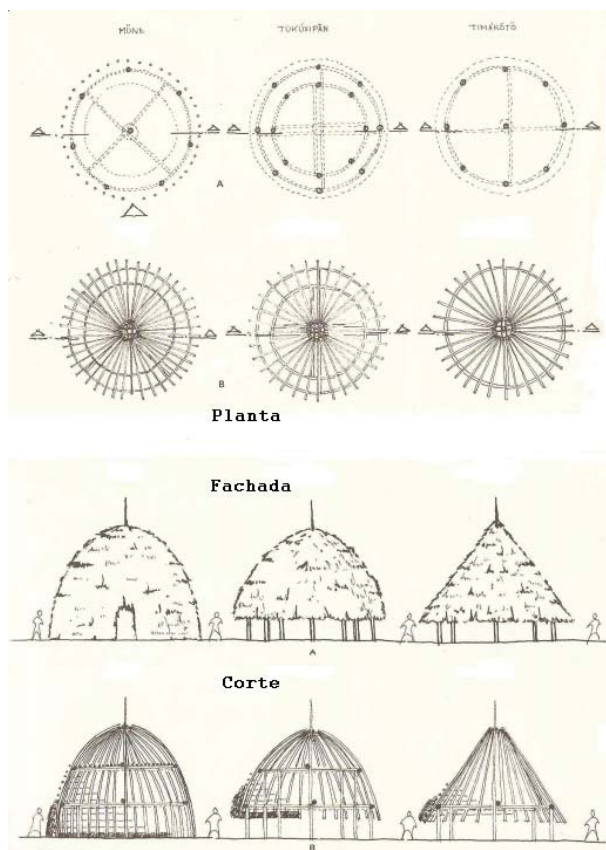
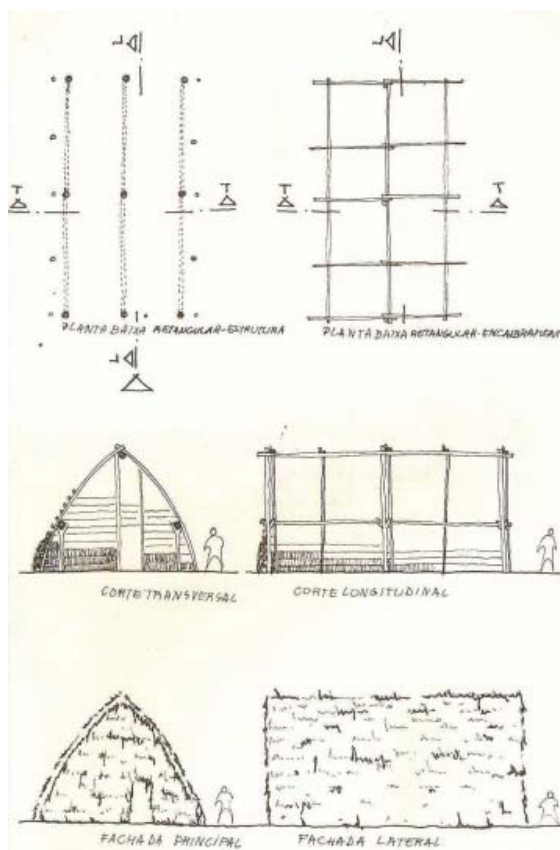
Pana-ucú-k que se transformou em Pão de açúcar. Aldeia situada ao sopé do famoso morro cartão postal da cidade.

Os indígenas viviam em aldeias que eram a maior unidade política. Autônomas, sendo o tuxaua, morubixa-ba ou cacique a maior autoridade.

A aldeia indígena brasileira também denominada Taba, é formada por um conjunto de 04 a 10 ocas(casa), onde residem várias famílias indígenas (ascendentes e descendentes), variando no total entre 500 a 3000 pessoas.

Os Topônimos indígenas são relacionados a acidentes geográficos, animais, plantas e elementos culturais. Como por exemplo já citado anteriormente a aldeia Kariók(Carioca), casa de água corrente, esta aldeia era situada na foz do atual Rio Carioca, o rio Sagrado dos Tamoio.

Algumas aldeias viraram nomes de bairros que permanecem até os dias de hoje, Pavuna, Irajá, Sumaré, Icarai, Ipanema, Copacabana, etc.



Entre 1550 - 1560 havia apenas ao redor da Baía de Guanabara cerca de 32 aldeias Tupis, mas pelos fatores antes citados não é possível calcular o tamanho exato da população indígena no Rio de Janeiro e no Brasil.

As aldeias em geral estavam localizadas em terras férteis, perto da floresta e do rio, facilitando assim a agricultura, a caça e a pesca. Cultivavam grandes roças comunitárias, mandioca, milho, abóbora, feijão, amendoim, tabaco, pimenta e muitas árvores frutíferas. Plantavam e teciam algodão para fazer redes de dormir, fabricavam cestas de cipó, panelas e vasos de barro, machados de pedra, facas de casca de tartaruga e agulhas de espinha de peixe.

Tinham noção de astronomia, previam as chuvas e as marés observando as estrelas a lua e o sol. Conheciam a relação entre os seres vivos e o meio ambiente, os hábitos dos animais, como seus locais e suas trilhas. dominavam o conhecimento sobre o período de amadurecimento dos frutos e as propriedades medicinais das plantas. Faziam experimentos “científicos” através da seleção de sementes para melhorar as espécies.

A cultura Indígena

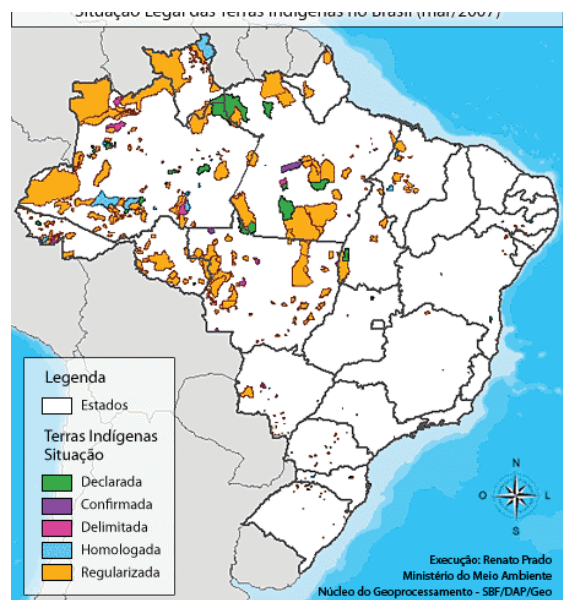
Existem inúmeros rituais indígenas, aqui vou citar dois que fazem parte do universo lúdico que me inspirei para o filme.

O rito do moqueado, popularmente conhecido como a festa da menina-moça. Representa o momento em que as meninas da aldeia passam a ser vistas como adultas capazes de construir família. Os ritos de preparação demoram meses, mas nos sete dias finais se intensificam nas festas. A menina quando tem a sua primeira menstruação, fica reclusa em sua oca, sem poder mostrar o rosto para ninguém. No último dia acontece o ritual de passagem. As meninas são preparadas e vestem roupas diferenciadas, o corpo é completamente pintado, seus cabelos cortados e adornados com plumagens. Após dias e noites de cantos e danças circulares conduzidas pelo ritmo das Maracas (instrumento de percussão) a moça está pronta para se relacionar ou casar.

Nos dias de hoje, neste ritual, a música é para espantar os espíritos dos homens brancos que foram mortos em guerras com os indígenas e para proteger a garota de assombrações.

Ritual antropofágico, algumas tribos sempre fizeram da guerra uma fonte de recursos materiais e/ou simbólicos, apropriavam-se de sementes, ornamentos e alimentos. Raptavam mulheres e crianças que recebiam maridos e pais adotivos. E do recurso simbólico temos a antropofagia. Eles consumiam a carne dos guerreiros adversários com o objetivo de “absorver a bravura e coragem” do inimigo. Ser comido era considerado uma das formas mais honráveis de morrer, porque significava que o guerreiro era considerado corajoso e tinha o espírito forte.

Séculos de perseguição e massacre



Na era pré Cabral acredita-se que eram entre 4-5 milhões espalhados principalmente pela costa , tendo a maior densidade demográfica no Rio de Janeiro. Foram mortos em batalhas, ou mortos por doenças ou catequizados se misturando com os brancos e negros. Atualmente são 0,5% da população brasileira em 12,5% do território

Apenas uma pequena parte deste saber indígena das famílias linguísticas do Rio de Janeiro foi registrada. Todos os grupos que viviam no Rio de Janeiro foram extintos, antes mesmo que tivéssemos conhecimento mais profundo de como viviam e de muitos saberes vitais por eles produzidos. É uma perda irreparável de milhares de anos de conhecimentos acumulados sobre a vida e adaptação aos ecossistemas tropical . No entanto, nem tudo se perdeu, há um legado na nossa civilização de alternativas de sobrevivência nos trópicos, transmitidos nos inventos adaptativos que desenvolveram em milhares de anos, concretizados nos métodos de plantar, caçar e pescar.

Deram, no entanto, uma contribuição fundamental para a formação do povo carioca e brasileiro, envolvidos em um processo histórico conflitivo, quase sempre violento, que merece e necessita ser melhor valorizado para não se extinguir de uma vez por todas.

CONCEPÇÃO DOS PERSONAGENS E AMBIENTES

A construção dos personagens e dos ambientes foi feita a partir da junção de características de diferentes nações indígenas, ambientes e mitologias. Utilizei como base as famosas criações do imaginário popular, de cultura considerada essencialmente rica e primitiva, que se utilizam de animais e da floresta para representação subjetiva de sentimentos e acontecimentos em contos, lendas e mitos. Tanto a floresta quanto os animais aparecem sob diferentes versões de acordo com as feições que adquirem graças às suas metamorfoses. Portanto, assim como os indígenas, estou transmitindo a minha representação da realidade em forma de história. Neste caso em um filme de animação.

Características indígenas :

O Goitacá, guerreiro robusto e alto, com destacada habilidade em nadar e pela velocidade de correr. Tinha a pele um pouco mais clara.

O Guarulho, “gente comumente limpa e bem apessoada” não usavam nenhuma roupa tinham hábitos mais refinados para os padrões europeus.

O Coroadado, nome dado pelos portugueses pelo tipo de corte de cabelo em forma de coroa.

Robusto e atarracado, com ombros largos, pescoço curto e grosso, os dentes muito alvos com os incisivos bem alinhados e os caninos salientes.

O Coropó, estatura mediana, de ombros e de queixos largos, muito magros, sobretudo na barriga das pernas .

O Puri, o porte baixinho, a pele vermelho-pardo, o cabelo negro de carvão, a cara larga e angulosa e os olhos pequenos, oblíquos e inconstantes. Alguns raspavam toda a cabeça, outros cortavam o cabelo à altura da nuca.



Xilogravura de André de Thèvet, 1557.

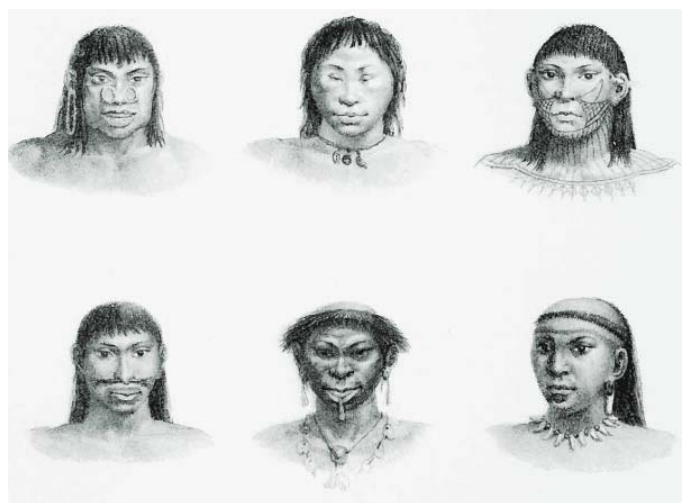


Ilustração de Jean-Baptiste Debret, Séc. XVI.

PRODUÇÃO DO FILME

- O RAPAZ -

O personagem principal se transforma em onça, do Tupi-antigo iagüara (jaguar).

Um jovem indígena, com destacada habilidade em nadar e pela velocidade de correr. Estatura mediana, de ombros e de queixos largos, muito magros, sobretudo na barriga das pernas.

Representa a defesa da cultura e do seu povo.

Iagüara . Zoologia : onça , carnívoro da família dos felinos, gênero Panthera.

Jaguara - onça; cachorro

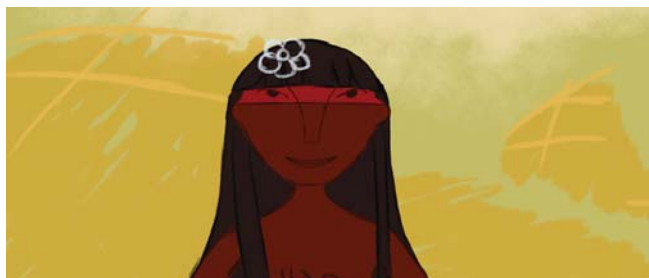


A MOÇA -

A personagem principal se transforma em pássaro.

Uma jovem indígena “limpa e bem apessoada” com a pele vermelho-pardo, o cabelo negro de carvão, a cara larga e angulosa e os olhos pequenos, oblíquos e inconstantes.

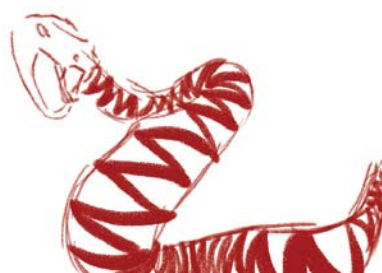
Representa a fertilidade e a pureza.



O INIMIGO -

O personagem antagonista, se transforma em cobra.

Um índio catequizado, carregando uma cruz e uma coroa de espinhos que também pode ser um cocar de penas. Sem identidade própria, representa a culpa e a cobiça.



A cobra(serpente) merece um pouco mais de reflexão, ela tem diversos significados de diferentes culturas que se enquadram ao contexto do filme:

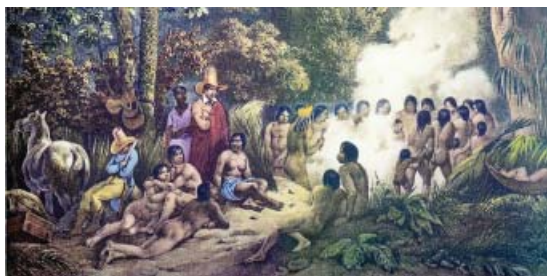
Da cultura católica, como o pecado de Adão e Eva.

Do Tupi, a serpente que fascina o caboclo nortista brasileiro. Ela é capaz de se transformar em muitas coisas para atrair e desorientar as suas vítimas. Sua expressiva presença impõe medo, admiração e respeito. Mitos e lendas narram que essa serpente engravida mulheres. Acredita-se também que, a partir da primeira menstruação, as jovens índias virgens tornam-se particularmente sujeitas a atraírem “o amor de uma cobra”, por este motivo elas evitam ir ao mato ou à beira de um rio, quando estão menstruadas.

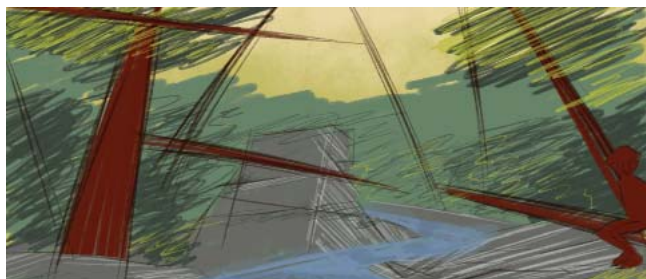
Constelação de Serpentário, outra lenda indígena brasileira conta que uma moça engravidou da coisa-má e deu à luz uma Cobra Grande que a seguia por toda parte. A mulher conseguiu esconder-se da cobra que a procurou por toda parte, chamando-a; procurou-a no fundo dos rios e nas matas. Desiludida, voou para o céu onde se transformou na Constelação de Serpentário com suas sessenta e quatro estrelas, que aparece em setembro anunciando, na Europa, o inverno e, na região amazônica, o verão: tempo das roças.

A serpente sombra, a origem e o habitat deste réptil podem explicar o porquê de seu significado como símbolo do inconsciente. Animal ctônico, subterrâneo e sinuoso, cujas ondulações sugerem o movimento para a realização do si mesmo, a serpente simboliza o inconsciente humano. Quando aparece nos sonhos de uma pessoa, Freud a interpretava como um dos símbolos do órgão sexual masculino; Jung, entretanto, a analisava como a Sombra, uma figuração simbólica das zonas mais obscuras da psique, da esfera menos evoluída e mais impessoal do psiquismo, das camadas mais profundas do inconsciente coletivo, com uma valência positiva (evolução psíquica) e negativa (sinal de medo, de angústia, de morte). Para Paul Delacour, a serpente simboliza a perversão do espírito, vaidade e culpa reprimida.

AMBIENTES



Ilustrações de Jean-Baptiste Debret, Séc. XVI.



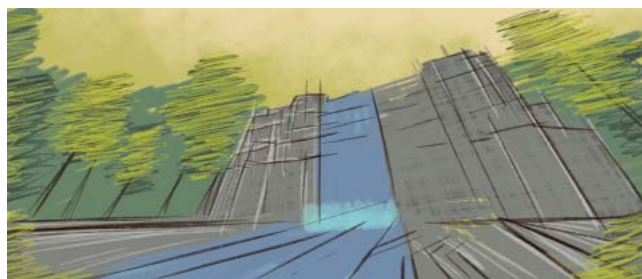
Rio



Lagoa



Fogueira



Cachoeira



Floresta



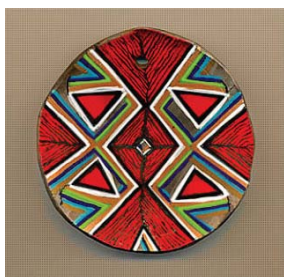
Aldeia

ESTUDOS GRÁFICOS

Utilizei de desenho a mão livre, em muitos momentos com bastante dificuldade em manter a coerência temporal de linhas e texturas, gerando muitas tremulações. um processo que consumiu bastante tempo.

O conceito artístico que procurei neste filme foi baseado nos traços das pinturas corporais indígenas, e no artesanato, considerados primitivos e ricos.

Os padrões e linhas não possuem regras para serem pintado, o que há são simbolismos inseridos em cada pintura.





Esboço



Traçagem



Pintura

MAPA DE COR



Amarelo: Onça, fogo, cajú.



Verde: vegetação da mata atlântica.



Azul: Rios, cachoeiras e céu.



Rosa: Flores.



Vermelho: Urucum, cobra coral, sangue



Marrom: Troncos de árvore, terra.



Preto: Jenipapo, cobra coral

CONCLUSÃO

Neste filme procurei através da animação contribuir para a construção da memória cultural indígena, simplifiquei idéias complexas de forma concisa para se adequar a uma curta-metragem, e assim, alcançar diferentes grupos e faixas etárias, além de inserir questões sensíveis de uma maneira aberta sem formalidades.

Utilizei este filme não apenas para o entretenimento, mas sim para a construção de um pensamento crítico. Discutir a imposição de valores culturais e estéticos, baseados em uma perspectiva católica ocidental do estereótipo do homem branco como um herói, a alimentação do inconsciente coletivo por uma incessante busca pela perfeição e aceitação social, que oprime e reduz quem não se enquadra.

Tentei empoderar a narrativa do outro, o cidadão comum, os grupos étnicos, as minorias, e assim construir o herói como uma crítica social.

FICHA TÉCNICA

Diogo da Fonseca - Realização, animação, pintura, traçagem, cenários, edição, montagem de áudio e música tema.

Laura Boscia- Pintura e traçagem.

Ilia Kushner - trilha sonora.

BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, Lemos Pe. A. (1951) - Pequeno Vocabulário Português - Tupi (No Prelo) - Rio de Janeiro: Livraria São José.

CARVALHO, Moacyr Ribeiro. (1987) - Dicionário tupi (antigo) português/ Moacyr Ribeiro de carvalho - Salvador.

COHN,Clarice. (2001) - Culturas em Transformação: Os Índios e a Civilização - São Paulo: São Paulo em perspectiva, 15(2).

GÂNDAVO, Pêro de M. (1980) - Tratado da Terra do Brasil; História da Província Santa Cruz, Belo Horizonte: Itatiaia.

KERN, Arno A. (1998) - Antecedentes Indígenas: Problemáticas teórico-metodológicas das sínteses sobre a pré-história regional - São Paulo: Rev. do Museu de Arqueologia e Etmologia.

LÉRY, Jean de. (1972) - Viagem à Terra do Brasil. São Paulo: Livraria Martins Editora; Editora da Universidade de São Paulo.

RIBEIRO, Darcy. (1995) - O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras.

RIBEIRO, Maria G. (2017) - Imaginário da serpente de A a Z. (Livro eletrônico). Campina Grande: EDUEPB.

THEVET, Andre. (1978) - As Singularidades Da França Antártica : Reconquista do brasil - Vol. 45; Livraria Itatiaia.

VIDAL, Lux. (2000) - Grafismo Indígena: Estudos de Antropologia Estética - São Paulo: Studio Nobel.